

ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE MICHAEL WHITMAN APPLE PARA A EDUCAÇÃO LUDOVICENSE

Autor: Raylina Maila Coelho Silva
Coautora: Helen Garrido Araújo Mendes

Universidade Federal do Maranhão – UFMA
raylina@hotmail.com.br
helengarrydo@hotmail.com

O presente trabalho apresenta as contribuições críticas às teorias tradicionais do currículo para a educação ludovicense na visão de Michael W. Apple. Contemporâneo de uma época em que o capitalismo encontrou resistência nas lutas e na organização do proletariado, percebeu a importância do papel da escola e da educação para o avanço das conquistas sociais. Da mesma forma, compreendeu a importância da política como campo de batalha dos grupos antagônicos na consolidação de suas posições frente ao controle social.

A dinâmica da sociedade capitalista gira em torno da dominação de classe, da dominação dos que tem o controle da propriedade dos recursos materiais sobre aqueles que possuem apenas sua força de trabalho. Essa dinâmica faz Apple desenvolver suas teorias sobre a sociedade, o poder e o currículo, procurando desmistificar o papel dos operários, ou ainda, das minorias de classe que são manipulados a partir da construção de consensos para eliminar o conflito. Apple vê a importância da escola nesse processo, mas também que a escola é um espaço onde se pode criar novas dinâmicas na produção de novas hegemonias.

Importante compreender também que o currículo não é somente um documento impresso das instituições de ensino, mas um documento que reflete todo um complexo de relações sociais de um determinado momento histórico (APPLE, 2006). Neste sentido, o currículo ultrapassa a ideia de uma simples seleção de conteúdos disciplinares. (SAVIANI, 2000).

Deste modo, este trabalho pretende refletir sobre as principais contribuições para as teorias curriculares da educação ludovicense, a partir das concepções de ideologia, análise relacional, hegemonia, democracia, currículo oculto e senso comum, compartilhadas por Michael Apple, na perspectiva de políticas curriculares que se preocupem com a construção de uma realidade democrática e participativa nas escolas.

A primeira fase da Pesquisa de Campo foi o levantamento bibliográfico dos autores que nortearam as práticas investigativas. Dentre eles, podemos citar Apple (2006), Gandin (2011/2016), Moreira (2000/2007), Saviani (2000), Tomaz Tadeu da Silva (2010), e outros que colaboraram com as discussões e estudos sobre as contribuições teóricas dos elementos do currículo em Apple. Outra fase da pesquisa foi a observação participante, pois essa pesquisa exigiu, uma aproximação da realidade pesquisada.

Como resultados parciais, identificamos que as ideias defendidas por Apple são, sem dúvidas, de grande contribuição para a educação ludovicense. Ele deseja que as importantes questões relacionadas a conteúdos e a metodologias não sejam dissociadas dos fatores éticos e políticos que as acompanham (Apple, 1987). Sabemos que todo currículo é seleção, mas também exclusão, por isso currículo é poder, pois para algum conteúdo ser incluído, outros precisam ficar de fora. Apple nos faz pensar em uma prática curricular que estabeleça um diálogo entre os agentes sociais, os técnicos, as famílias, os professores e os alunos, pois tal autor chama a atenção para a necessidade de se pensar currículo sempre em relação ao contexto social e a possibilidade de uma prática emancipatória. Assim como, a necessidade de se planejar o currículo a partir da cultura do aluno.

Apple em sua teoria crítica não desenvolve técnicas de como fazer o currículo, mas esclarece conceitos que nos permite compreender o que o currículo faz. Apple desconsidera a ideia de que a educação tem que ser estudada cientificamente, propondo que se substituam as pesquisas educacionais – chamadas pesquisas científicas, por pesquisas etnográficas, pois estas, buscam entender a realidade da sala de aula e do currículo. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, Apple chama de regularidades do cotidiano escolar, tanto o ensino implícito de normas, valores e disposições, quanto os pressupostos ideológicos e epistemológicos das disciplinas que constituem o currículo oficial.

Apple (2001), afirma: assim, queiramos ou não, diferentes forças se introduzem no próprio coração do currículo, do ensino e da avaliação. O que conta como conhecimento, as formas nas quais ele está organizado, quem tem o poder de ensiná-lo, o que conta como demonstração apropriada de sua aprendizagem e a quem é permitido fazer todas essas questões e respondê-las, tudo isto faz parte de como a dominação e a subordinação são reproduzidas e alteradas nesta sociedade.

Pensando em currículo a partir das contribuições de Apple, podemos destacar os elementos do currículo da seguinte forma:

Objetivo: exercício da horizontalização do currículo. Ou seja, sua construção com a participação efetiva dos educandos evidencia a possibilidade de “experenciar” um currículo que traz, em si, indicativos emancipatórios, percebidos no movimento de ação-reflexão-ação.

Conteúdos: os conteúdos que devem fazer parte do currículo evidenciam a consciência da dimensão da autonomia e da autoria docente, que pode ser compartilhada com os educandos. Este aspecto, é motivado, não por interesses burocráticos, mas por interesses práticos e, como tal, “sustenta decisões tomadas em função do que, em cada situação concreta, for julgado mais favorável ao bem”.

Metodologia: contém elementos transformadores e modificadores da prática pedagógica, uma vez que lida com a possibilidade de o próprio educando ser o sujeito no processo de construção do currículo, uma vez que, ao retomar os registros, o professor pode e deve deliberar sobre as ações futuras, promovendo, assim, “o desenvolvimento sistemático de competências deliberativas que possam ser mobilizadas face aos acontecimentos nas aulas”.

Avaliação: as produções individuais e/ou coletivas dos educandos são sempre acompanhadas de uma análise crítica por escrito, para que o próprio educando pudesse refletir sobre seu processo formativo e a abertura de um espaço de discussão que chamamos de devolutiva das atividades em que era possível destacar os ganhos, as dificuldades e as possibilidades de novos aprofundamentos. Estabelecemos, também, critérios que serviram de parâmetros para o exercício da avaliação do professor, do educando e do processo de ensino e de aprendizagem.

Prática de auto avaliação, pois é necessário romper com uma cultura de avaliação em que a “prova oficial” se mostra como o instrumento mais valorizado para expressar a construção de conhecimento dos educandos – responsável pela aprovação ou reprovação destes – para assumirmos, coletivamente, a construção dialógica de critérios avaliativos.

Fica claro que sua preocupação é com as formas pelas quais certos conhecimentos são considerados legítimos, em detrimento de outros, vistos como ilegítimos. Ao contrário dos modelos tradicionais, em que o conhecimento existente é tomado como dado, e onde a preocupação limita-se a “como” organizá-los, aqui são levantadas outras indagações: Por que esses conhecimentos e não outros? Quais

interesses guiaram a seleção desse conhecimento em particular? Quais as relações de poder envolvidas no processo de seleção? Assim, o educador propõe questionamentos alternativos e coloca em xeque o modelo tecnicista.

Segundo Apple (1989), currículo é poder, ideologia e cultura. Seu principal objetivo é construir conhecimento visando à aprendizagem, além de organizar tempos e espaços. É uma questão ideológica e política acima de qualquer coisa. O currículo e as questões educacionais sempre participaram da história das discussões de classe, raça, gênero e religião em todo o mundo. Somado a isso, ele está diretamente envolvido nos objetivos industriais e comerciais de muitos países.

Embora Apple seja um defensor das decisões tomadas democraticamente, ele considera perigosa a adoção de um currículo de base nacional, pois ao legitimar um currículo nacional, logo se implantará uma avaliação nacional. Uma vez instituído um teste nacional, sabemos que se perde o sentido estudar algumas disciplinas, como por exemplo: geografia do Maranhão. Pois, sabemos que embora tal conhecimento seja necessário, não seremos cobrados na avaliação nacional. E, o currículo é adequado para as demandas da classe dominante.

Observando a realidade educacional em São Luís - MA, percebe-se a necessidade de construção de políticas e práticas voltadas para o desenvolvimento de ações que valorizem o educando, as suas raízes e suas manifestações socioculturais. As escolas revelam ainda, em pleno Século XXI, práticas tradicionais que impossibilitam a organização de um currículo crítico, livre de concepções “ideologizantes”, que manipulam a rotina escolar.

Em Apple, encontramos uma proposta pedagógica para o cotidiano das nossas escolas, que tem vivido dois outros fenômenos educacionais, que contribuem para a reprodução das relações de poder e suas múltiplas dinâmicas de classe, raça e gênero. O primeiro é a deliberada eliminação do conflito como componente do processo educacional e o apagamento deste conceito no meio institucional. Apple demonstra que a lógica do consenso presente no cotidiano das escolas, em meio a tantas reuniões pedagógicas ou de planejamento, ajuda a produzir um discurso dominante da impossibilidade da mudança.

Outro fenômeno é o papel da escolarização não só como reprodução, mas também como produção. Apple afirma que no interior dessas instituições emanam relações de poder capazes de manter a opressão no ambiente no qual se escolariza. Em São Luís, a forma de combater essa estrutura seria através da Formação

Continuada dos professores municipais, que vai contra a Hegemonia do pensamento político e que visa a homogeneização de práticas educativas descontextualizadas, formando os professores, no seio de suas escolas, proporciona-se a escola um espaço de novas construções, que partem das vivências das crianças com suas realidades.

Conclui-se que as observações representam as escolas como espaços institucionais onde os movimentos práticos acontecem, pois os agentes transformadores estão presentes. Por um lado, se encontram os jovens, que por sua natureza contestam a ordem vigente e por outro encontram-se os professores que detém o controle da infraestrutura e fazem a relação de troca com a superestrutura do Estado controlado pelas classes detentoras do poder.

Portanto, o currículo tende a apregoar aquilo que interessa e serve à classe, gênero ou raça dominante, tanto de forma aberta, no currículo escrito, como de forma velada, nos valores, concepções e atitudes que caracterizam o currículo oculto. (Apple,2006).

Neste sentido, é possível perceber que Apple, reflete e faz críticas a essa realidade e busca um currículo capaz de construir uma vivência democrática e participativa nas escolas ludovicenses, ou seja, escolas comprometidas com a emancipação humana, realizando assim uma contra hegemonia que alcance libertação do trabalho na lógica do capital.

Pois, Apple enfatiza que mesmo a educação sendo um aspecto do Estado, não se deve rotular que os aspectos do currículo e do ensino sejam redutíveis aos interesses de uma classe dominante. Não só defende uma escola pública e democrática, as contribuições de Apple para a discussão educacional da realidade ludovicense centram-se nas questões sociais, nos aspectos econômicos, culturais e ideológicos que organizam a sociedade e que permeiam todo o ambiente escolar. Ele defende a ideia de que a educação não é uma atividade neutra, sem intenção, e que o educador está envolvido em um ato político.

Referências

APPLE, Michael W. Política Cultural e educação. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Educação e Poder. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. Ideologia e currículo. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Repensando ideologia e currículo. In: MOREIRA, A. F. e SILVA, T. 4. T. da. Currículo, cultura e sociedade. 4ed. São Paulo, 2000.

GANDIN, L. A; LIMA, I.G. A perspectiva de Michael Apple para os estudos das políticas educacionais. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.42, n.3, p.651-664, jul. /set. 2016.

GANDIN, L. A. Michael Apple: a educação sob a ótica da análise relacional. In: REGO, T. C. (org). Currículo e Política Educacional. Vozes: São Paulo, 2011.

MOREIRA, A. F. B. A contribuição de Michael Apple para o desenvolvimento de uma teoria curricular crítica no Brasil. Fórum Educacional, nº13, v.4, p.17-30. Rio de Janeiro, 1989.

MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. (org.) Currículo, cultura e sociedade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, A.F.B. Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: MEC/SEB2007.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico - Crítica: Primeiras aproximações, 7. ed. Campinas, SP, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3ed. 1reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 156p.